

Vai começar a sessão antinazista em Aracaju: uma análise sobre História, Cinema e Segunda Guerra Mundial

Andreza Santos Cruz Maynard^I

Resumo: Este artigo apresenta uma análise sobre o funcionamento dos cinemas aracajuanos durante a Segunda Guerra Mundial, com um enfoque direcionado à chegada dos filmes antinazistas. Os cinemas eram espaços frequentados por toda a população, que os usava como forma de sociabilidade, informação e entretenimento. Após os torpedeamentos das embarcações brasileiras, em 1942, e da entrada do Brasil na Guerra, os cinemas Rio Branco, Rex, Guarany, São Francisco e Vitória passaram a receber filmes que chamavam a atenção por apresentar o inimigo do país, os nazistas. As produções hollywoodianas constituíam a maior parte da programação dos cinemas aracajuanos e apresentavam a Guerra sob a ótica estadunidense.

Palavras-chave: História; Cinema; Segunda Guerra Mundial; Filmes Antinazistas; Aracaju.

The anti-Nazi session will begin in Aracaju: an analysis of History, Cinema and World War II

Abstract: This article presents an analysis of the Aracaju cinemas during the World War II, with a focus on the arrival of anti-Nazi films. Cinemas were spaces frequented by the entire population, who used them as a form of sociability, information and entertainment. After the torpedoing of Brazilian vessels in 1942, and Brazil's entry into the war, the Rio Branco, Rex, Guarany, São Francisco and Vitória cinemas began to host films that attracted attention for presenting the country's enemy, the Nazis. Hollywood productions made up the majority of the programming in Aracaju cinemas and presented the War from an American perspective.

Keywords: History; Cinema; World War II; Anti-Nazi Films; Aracaju.

VAI COMEÇAR A SESSÃO ANTINAZISTA EM ARACAJU: UMA ANÁLISE SOBRE HISTÓRIA, CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MAYNARD, A. S. C.

O cinema não tem fronteiras nem limites. É um fluxo constante de sonho.
Orson Welles

Introdução

A partir de 1895 os filmes se constituíram numa atração irresistível para plateias de todo o mundo. Inicialmente exibidos em espaços improvisados, em pouco tempo foram construídos prédios que se destinavam à projeção cinematográfica. Em Aracaju não foi diferente. A história da cidade na primeira metade do século XX foi marcada pelo surgimento de vários estabelecimentos criados para esta finalidade. Este artigo apresenta uma análise sobre o funcionamento dos cinemas aracajuanos durante a Segunda Guerra Mundial, com um enfoque direcionado à chegada dos filmes anunciados como antinazistas.

No início da década de 1940 os cinemas Rio Branco, Rex, Guarany, São Francisco e Vitória, movimentaram a vida cultural da capital sergipana, proporcionando momentos de lazer, escapismo e informação aos seus frequentadores. Acompanhando uma tendência nacional, os cinemas aracajuanos exibiam uma quantidade maior de filmes estadunidenses, mais até do que os títulos brasileiros.

Tal situação era propiciada pela reduzida produção e distribuição das fitas nacionais, bem como pela organização comercial estruturada dos grandes estúdios hollywoodianos, que já atuavam no Brasil antes da Segunda Guerra. Com escritórios estabelecidos em várias cidades, os filmes das grandes produtoras de Hollywood aproveitaram a política de “Boa Vizinhança”^{II} para lucrar ainda mais com o público brasileiro que, segundo Cristina Menguello^{III}, entre as décadas de 1930 e 1940, era o terceiro maior consumidor mundial dos filmes produzidos nos Estados Unidos.

Os filmes hollywoodianos eram apreciados por pessoas de todas as classes sociais. Desde os trabalhadores operários aos donos das fábricas, era comum ter um astro favorito. Mesmo na Alemanha nazista, os filmes e artistas estadunidenses eram conhecidos e admirados, inclusive por Adolf Hitler (1889 – 1945). De acordo com Ben Urwand^{IV}, dentre as preferências do Führer alemão, estavam a atriz sueca-norte-americana Greta Garbo (1905 – 1990) e o personagem de desenho animado da The Walt Disney Company, Mickey Mouse.

Beneficiados pela grande quantidade de filmes produzidos anualmente e organização industrial, com formas eficientes de distribuição e promoção das fitas, as películas hollywoodianas se faziam presentes em várias partes do mundo. A programação dos cinemas de Nova York, Berlim, São Paulo e Aracaju estavam repletas de filmes produzidos pelos grandes estúdios hollywoodianos. Os maiores estúdios eram apelidados de Big Eight, dentre os quais estavam a Warner Bros., a Paramount, a Universal Studios, a Columbia Pictures, a 20th Century Fox, a United Artists, a Metro Goldwyn Mayer (MGM) e a Rádio Pictures (RKO)^V.

As referências às grandes produtoras americanas apareciam diariamente nas páginas dos jornais aracajuanos durante a Segunda Guerra Mundial. De acordo com Carlos Augusto Calil^{VI}, essas empresas eram verticalizadas, “isto é, controlavam o negócio do cinema desde a produção até a exibição nas suas próprias salas, ou salas coligadas”. Nessa lógica o nome do estúdio funcionava como vitrine “de uma marca já identificada pelo público”^{VII}.

Os cinemas se preocupavam em manter uma programação atraente e divulgavam suas atrações diariamente nos jornais impressos que circulavam na capital sergipana. Periódicos como o *Correio de Aracaju*, *Sergipe Jornal*, *A Cruzada* e *O Nordeste* foram utilizados para promover os filmes hollywoodianos. Dentre as informações que constavam nos anúncios dos

VAI COMEÇAR A SESSÃO ANTINAZISTA EM ARACAJU: UMA ANÁLISE SOBRE HISTÓRIA, CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MAYNARD, A. S. C.

jornais, era comum que fosse mencionado o título do filme, o nome dos artistas, da produtora, o horário da exibição, o preço do bilhete e um resumo sobre o filme.

Os anúncios divulgados nos periódicos convidavam as pessoas a assistirem os “espetáculos” a serem exibidos por cada cine. Em alguns casos, a programação podia ser composta por mais de um filme. Em 30 de julho de 1940 o cine Rex apresentava “um programa colossal composto de dois soberbos filmes, sendo o primeiro a superprodução da RKO Rádio ‘Heróis sem glória’ com Sally Elleres, John Bell e outros, o segundo será a extraordinária película Sensação no circo”^{VIII}, contudo, o mais comum era que apenas um filme de longa-metragem fosse a grande atração, mesmo que fosse acompanhada por uma série, um cinejornal, um desenho animado, ou qualquer outro complemento.

Os cinemas aracajuanos

Cada cinema dispunha de uma sala de exibição e uma cabine de projeção. Eles também eram chamados de cineteatros, por manterem a coexistência entre o palco e a tela no ambiente em que os filmes eram exibidos. Contando com algumas centenas, as vezes mais de mil assentos, os cinemas aracajuanos promoviam animadas aglomerações. As sessões poderiam ocorrer pela manhã, as chamadas matinais, à tarde, conhecidas como vesperais e matinês, e à noite, quando ocorriam as prestigiadas *soirées*.

Esses espaços se constituíam numa das principais opções de lazer e divertimento dos aracajuanos durante os anos da Guerra. A maioria desses estabelecimentos já funcionava antes do início do conflito, sendo o cine Rio Branco o mais antigo deles. Antes de ser um cinema, o Rio Branco havia funcionado exclusivamente como teatro. Ele era chamado de Carlos Gomes. E como em outros lugares do mundo, as primeiras exibições cinematográficas eram feitas em espaços improvisados, inclusive em teatros, isso também aconteceu na capital sergipana.

Em Aracaju o Teatro Carlos Gomes, que foi inaugurado em 1904, realizou algumas projeções de filmes. Anos mais tarde esse estabelecimento mudou seu nome para Rio Branco. Na década de 1930 o cineteatro Rio Branco estava localizado à Rua João Pessoa, n. 132 e era administrado por Juca Barreto. Esse cinema estava localizado no coração da cidade, e tinha vários compartimentos. Além dos assentos dispostos no térreo, havia os localizados nos andares superiores.

Cartazes de promoção dos filmes eram colocados em frente aos cinemas para chamar a atenção do público. E a aglomeração de pessoas, bem como a formação de filas para organizar a entrada na sala de exibição, era um indício que a sessão estava para começar. Os jornais mencionam que o cinema Rio Branco era um dos que tinham mais prestígio à época. Ele conviveu com outros estabelecimentos nas décadas de 1910, 1920 e 1930. O Rio Branco era frequentado por todas as classes da sociedade aracajuana.

Outro cinema que também estava localizado no centro, o Rex, foi inaugurado em 27 de agosto de 1935, funcionou inicialmente à Rua Pacatuba, tendo sido transferido em 1940 para a Rua Itabaianinha, n. 44. O Rex era administrado por Anísio Dantas. Já o cine Guarany, localizado à Rua Estância, n. 1080, foi inaugurado em 07 de janeiro de 1938, e estava sob a direção de Augusto Luz.

O memorialista Murillo Melins^{IX} publicou suas memórias referentes à Aracaju das décadas de 1940 e 1950 e descreveu de forma saudosa o cotidiano dos cinemas. A respeito do cine Guarany, ele disse que “era o mais querido e aconchegante”, e que era “frequentado por gente de todas as classes sociais”^X. Em suas palavras

VAI COMEÇAR A SESSÃO ANTINAZISTA EM ARACAJU: UMA ANÁLISE SOBRE HISTÓRIA, CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MAYNARD, A. S. C.

Meninos pobres, calçando velhos tamancos ou mesmo descalços, tinham acesso àquela casa, devido à generosidade do seu proprietário, o progressista empresário Augusto Fernandes Luz.

A divulgação da programação dos filmes era anunciada nos jornais, na Rádio Difusora, no Serviço de Alto-falante da Empresa de Propaganda Guarany, através de tabuetas expostas na porta do cinema, ou fixadas no poste de iluminação elétrica ou dos bondes e nas esquinas das ruas próximas. Era comum ver-se dois meninos, carregando pelas ruas cartazes feitos em pano e guarnecidos por talas de madeira, contendo os nomes do filme, dos artistas, horários do espetáculo e gritando “Hoje, Hoje”^{XI}.

Em 16 de dezembro de 1938 o cine São Francisco foi inaugurado à Praça Siqueira de Menezes, na Colina do Santo Antônio. O estabelecimento pertencia à Ordem Terceira de São Francisco e era administrado por frades franciscanos. O cineteatro Vitória foi inaugurado durante a Segunda Guerra Mundial, sendo que o primeiro filme foi exibido pelo estabelecimento no dia 23 de outubro de 1943. O Vitória estava localizado no último trecho da Rua Itabaianinha, onde funcionava o prédio Pio XI, pertencente ao Círculo Operário de Sergipe.

Todos os cinemas aracajuanos contavam apenas com uma sala de exibição de filmes, e tinham a estrutura de cineteatros, com a existência de um palco e uma tela. Tal modelo não era exclusivo da capital sergipana, mas vinha desde a década de 1920 com a construção dos grandes palácios cinematográficos em cidades São Paulo, conforme aponta Inimá Simões^{XII}. As grandes cidades brasileiras, por sua vez, haviam copiado a estrutura dos palácios cinematográficos construídos em metrópoles como Nova York e Berlim. Seguindo uma tendência do período, os cinemas aracajuanos disponibilizavam assentos no térreo e em pavimentos superiores. Estes eram chamados pejorativamente de “gerais”, “torrinha”, “galerias” ou “poleiros”.

A diferença no preço dos bilhetes, que variavam de acordo com a localização do cinema, a programação, o horário da sessão e o tipo de acomodação, permitiam a frequência de diferentes classes, conforme lembrou Murillo Melins ao descrever de maneira afetuosa o Cine Guarany. Para se ter uma noção dos valores apresentados pelos jornais em 1939, os bilhetes no Guarany custavam, em matinê: Poltrona/Cadeira - Cr\$ 1,500; Geral - Cr\$ 800. Em soirée: Poltrona/Cadeira (Inteira) - Cr\$ 3,500; Poltrona/Cadeira (Meia) - Cr\$ 1,700; Geral - Cr\$ 1.100. Mas o pagamento do bilhete não dava direito de fazer o que bem quisesse, pois as salas de exibição tinham um código de conduta e eram ambientes controlados pelo Estado Novo (1937-1945).

Os cinemas eram espaços vigiados por autoridades e funcionavam de acordo com a censura estabelecida pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), órgão criado pelo Decreto-lei n. 1915, de 27 de dezembro de 1939. O DIP, que era dirigido pelo jornalista e político sergipano Lourival Fontes (1899 - 1967), fazia tanto a censura dos filmes estrangeiros que desejassem ser exibidos no Brasil, quanto normatizava o funcionamento das salas de projeção de filmes no país.

Sob a égide do Estado Novo, que tinha à frente o presidente Getúlio Vargas (1882 – 1954), a ordem geral era manter a disciplina, o que nem sempre ocorria durante as projeções cinematográficas em Aracaju. Nesse sentido, os periódicos registraram alguns incidentes relacionados aos cinemas.

Em 25 de fevereiro de 1939 o jornal *O Nordeste* exibia uma nota que expressava indignação frente às dificuldades encontradas nas salas de exibição. O protesto se dirigia à “Polícia de costumes, contra a falta de educação daqueles que, quando verificam um filme

VAI COMEÇAR A SESSÃO ANTINAZISTA EM ARACAJU: UMA ANÁLISE SOBRE HISTÓRIA, CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MAYNARD, A. S. C.

estragado, sem a menor cerimônia, estejam ou não famílias assistindo, fazem batucada ensurdecadora. Ontem, verificamos tal atitude, no cine Rex”^{XIII}.

Os cines recebiam todas as classes e se tornavam um local para manifestações não apenas de apologia, mas também àquelas contrárias à ordem vigente. No escuro do cinema, a população se divertia, aprendia e se revelava. Uma amostra disso é que a execução do Hino Nacional, uma exigência do DIP, nem sempre era acompanhada do respeito esperado.

Quando as luzes se apagavam, operários, comerciantes, homens e mulheres tornavam-se anônimos. Nesses momentos não era incomum que se ouvisse “um barulho ensurdecador, originado de gritos, pateadas e assobios... durante o tempo em que se ouvia nossa maior música”^{XIV}. O fato de alguns permanecerem com os chapéus à cabeça também não agradava aos mais conservadores.

Quando ocorria algum problema durante a exibição das fitas, o público protestava. Em 25 de fevereiro de 1939 o jornal *O Nordeste* exibiu uma nota que expressava a indignação dos aracajuanos frente às dificuldades encontradas nas salas de exibição. O protesto se dirigia à “Polícia de costumes, contra a falta de educação daqueles que, quando verificam um filme estragado, sem a menor cerimônia, estejam ou não famílias assistindo, fazem batucada ensurdecadora. Ontem, verificamos tal atitude, no cine Rex”^{XV}.

As reclamações da plateia também se voltavam para a precariedade dos equipamentos utilizados na reprodução das fitas. Portanto, esse também era um ponto que chamava a atenção dos habitués dos cinemas locais. Em 8 de julho de 1940, o Cine São Francisco anunciava a exibição de *Prisioneiro de Lenda*, produção da *United* com “cenas empolgantes que prendem a atenção como poucos filmes”. E além de anunciar os nomes dos atores “Ronald Colman, Madaleine [sic] Caroll e Douglas Fairbanks Jr.” O cine prometia por último, mas não mais importante, que se tratava de uma “cópia inteiramente nova e completa”^{XVI} em seguida seria apresentada a série “Deusa de Joba”.

As confusões nas salas de exibição eram, em parte, propiciadas pela distribuição dos espaços, peculiar aos cines. Afinal havia preços diferenciados para “as cadeiras” e “a geral”, cujo bilhete saía mais em conta. Como os assentos da “geral” se localizavam acima dos demais, era possível sair da linha sem se denunciar. As reclamações sobre o comportamento daqueles que adquiriam os ingressos mais populares eram frequentes. Contudo, é preciso registrar que as reclamações eram feitas pelos ocupantes dos assentos privilegiados.

Os textos publicados pelos jornais, refletiam o incômodo de uma parcela da sociedade aracajuana em dividir o mesmo espaço com pessoas de classes distintas. No entanto, cabe ressaltar que a confusão tinha certa lógica de funcionamento. O tumulto só ocorria quando as luzes se apagavam.

Pode-se afirmar que os cinemas eram locais onde se podiam experimentar diferentes emoções. Os ânimos poderiam se elevar tanto pelo que se exibia na tela, quanto com o que acontecia ali mesmo. E embora o cinema seja lembrado apenas como um lugar destinado à diversão, também era possível se informar sobre o que acontecia no mundo. Cinejornais produzidos no Brasil e em outros países se encarregavam de atualizar os aracajuanos com as suas notícias.

Segunda Guerra e Filmes Antinazistas

No dia 6 de agosto de 1940, o cine *Guarany* anunciou a estreia do filme da produtora Metro *Parnel Rei sem coroa*, “com Clark Gable e Myrna Loy, numa história de emoção e amor!” e “no mesmo programa, o segundo Jornal da guerra, ‘A Voz do Mundo’ Nº 40X76

VAI COMEÇAR A SESSÃO ANTINAZISTA EM ARACAJU: UMA ANÁLISE SOBRE HISTÓRIA, CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MAYNARD, A. S. C.

Reportagem especial da guerra, A Bélgica devastada Ataques aéreos. Bombas incendiárias! Batalha naval do Mar do Norte, vendo-se em cena o Royal Oack, porta-avião inglês”^{XVII}.

Com o passar dos anos, a programação dos cinemas aracajuanos incorporou um número maior de filmes que abordavam temas relacionados ao conflito bélico que se desenrolava naquele período na Europa. E a partir de 1942 o governo brasileiro autorizou a entrada de filmes classificados como antinazistas. Estes títulos passaram a ser exibidos nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo ainda no primeiro semestre de 1942, porém em Aracaju eles só começaram a compor a programação dos cinemas após os torpedeamentos das embarcações brasileiras pelo submarino alemão U-507, entre 15 e 17 de agosto de 1942. Mais de 600 pessoas morreram em decorrência dos ataques do U-507^{XVIII} e havia grande temor de que novos ataques ocorressem nos dias seguintes.

A capital sergipana viveu dias de pânico com o ato de guerra alemão contra os 5 navios brasileiros que faziam cabotagem, transportando passageiros e navegando próximo ao litoral entre os estados de Sergipe e Bahia. Já a salvo, os sobreviventes, a maioria homens adultos, contaram aos repórteres do jornal *Correio de Aracaju* suas versões de como experienciaram os ataques feitos de surpresa em águas sergipanas.

Dilton C. S. Maynard e Raquel A. L. de Assis^{XIX} afirmaram que após os torpedeamentos, surgiram boatos que “falavam em possíveis ataques aéreos, nos becos e esquinas burburinhos sugeriam a existência de auxiliares eixistas entre os aracajuanos”^{XX}. Foi em meio a essa situação caótica que os filmes antinazistas estrearam em Aracaju. Essas películas contextualizavam suas tramas na Guerra e apresentavam ao público uma leitura estadunidense a respeito dos nazistas, que é bom lembrar, eram o grande inimigo público do Brasil.

Como consequência dos ataques às embarcações brasileiras, o país declarou guerra à Alemanha, em 22 de agosto de 1942. O Brasil estava oficialmente na Guerra e era preciso mobilizar a população na luta contra o inimigo nazista, uma figura ainda pouco conhecida pela maioria dos brasileiros e que foi apresentada nas telas a partir dos filmes classificados como antinazistas.

O primeiro desses filmes, anunciado com empolgação pelos jornais aracajuanos foi *Confissões de um Espião Nazista* (1939), exibido em 9 de setembro de 1942 no cine Rio Branco. A produção representou um marco na história do cinema hollywoodiano por ter sido o primeiro filme antinazista produzido pela Warner^{XXI}, um dos grandes estúdios norte-americanos. O roteiro do filme foi baseado numa história real em que uma rede de espionagem nazista é descoberta nos Estados Unidos. *Confissões de um espião nazista* mistura ficção e documentário, incluindo até mesmo trechos do filme alemão *O Triunfo da Vontade* (1935).

Na capital sergipana, o *Correio de Aracaju* propagandeou a exibição do filme afirmando que se tratava de “Uma história emocionante, que chocará a sensibilidade pela sua profunda realidade. O FILME QUE HITLER DARIA TUDO PARA DESTRUIR! Tendo como interpretes [sic] Edward G. Robinson, Francis Lederer, George Sanders e outros”^{XXII}.

O jornal *A Cruzada*, mantido pela Igreja Católica e tão dado a críticas, afirmava que *Confissões de um Espião Nazista* era “aceitável para adultos”. O periódico destacava o nome da produtora Warner, dos atores Edward Robinson e Paul Lukas e mencionava que este era “mais um filme da série que vem sendo produzida como libelos ao regime terrorista implantado na Alemanha. Consegue prender a atenção do espectador, apresentando cenas que constituem valioso documentário”^{XXIII}.

VAI COMEÇAR A SESSÃO ANTINAZISTA EM ARACAJU: UMA ANÁLISE SOBRE HISTÓRIA, CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MAYNARD, A. S. C.

Já o *Folha da Manhã*, um periódico que também tinha influência da Igreja Católica, incitou o público a ver o filme *Confissões de um Espião Nazista*, pois ele poderia ajudar a entender a Guerra. Dizia o anúncio:

Que sabe você dos perigos que ameaçam o Brasil??
Dos perigos que rondam o seu lar ... e que ameaçam a sua segurança pessoal e dos entes que lhe são caros?..
Confissões de Um Espião Nazista, o filme que Hitler daria tudo para destruir, lhe explicará muita coisa que você ignora.
Vá assistir hoje no Rio Branco na matinée [sic] e soirée.
Jornal brasileiro, 103 Fox movietone [sic]^{XXIV}.

O segundo filme antinazista que estreou em Aracaju, *Tempestades d'Alma*^{XXV}, foi anunciado pela *Folha da Manhã*, em 28 de outubro de 1942, como uma “monumental película da Metro com o desempenho dos famosos astros Margarete Sullavan [sic], James Stewart, Robert Young, Franc Morgan e outros”^{XXVI}. O filme voltou a ser exibido em 12 de março de 1944 no cine Rex, e foi descrito pelo *A Cruzada* como “Um dos melhores filmes produzidos contra o nazismo. Cotação: Aceitável para adultos”^{XXVII}. A obra apresentava o efeito devastador que a ascensão do nazismo teve sobre a família do professor Roth, que vivia feliz até o momento em que Hitler se tornou o chanceler da Alemanha.

Tanto no caso de *Confissões de um espião nazista* quanto no de *Tempestades d'Alma*, foram oferecidas sessões gratuitas aos trabalhadores aracajuanos. E o terceiro filme anunciado como antinazista trazia um artista conhecido e muito apreciado pelo público que frequentava os cinemas à época.

No dia 9 de dezembro de 1942 *O Grande Ditador*^{XXVIII} foi exibido no cine Guarany. Com a intenção de promover a novidade, o jornal *Folha da Manhã* publicou o cartaz do filme, algo pouco comum na divulgação dos filmes pelos periódicos aracajuanos. Já o *Correio de Aracaju* anunciou a produção como “O filme que Hitler proibiu em toda a Europa”^{XXIX}. Depois de vencer a resistência da censura, a estreia nos Estados Unidos ocorreu em 07/03/1941. Inicialmente o filme foi proibido no país, tendo sido liberado em 1942, quando o Brasil se posicionou oficialmente ao lado dos Aliados.

Charles Chaplin interpreta os dois principais personagens do filme, um barbeiro judeu que foi soldado na Primeira Guerra Mundial, perdeu a memória e vive num gueto, e o ditador de Tomania (país fictício), Adenoid Hynkel. Os dois são confundidos e o barbeiro judeu faz um discurso no lugar do ditador. É a primeira vez que Chaplin fala num filme.

Além dos três longas-metragens mencionados, os cinemas aracajuanos exibiram, e reexibiram, outros títulos hollywoodianos classificados como antinazistas, a exemplo de *Quatro filhos* (1940), *Fuga* (1940), *O homem que quis matar Hitler* (1941), *Ser ou não ser* (1942), *Casablanca* (1942), *Cinco covas no Egito* (1943), *A estranha morte de Adolf Hitler* (1943) e outros. Seguindo uma prática recorrente, esses filmes estreavam primeiro em grandes cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, para depois serem exibidos em Aracaju.

Comparando a realidade do mercado exibidor carioca e aracajuano durante a Segunda Guerra Mundial, Liliane Costa Andrade (2021) aponta algumas semelhanças e diferenças. Enquanto no Rio de Janeiro os filmes poderiam ser exibidos simultaneamente em diferentes espaços, Aracaju, que contava com 5 cinemas, tinha estreias e exibições de determinados títulos num estabelecimento específico. Nas duas cidades, os filmes antinazistas eram exibidos pelos cinemas por um período médio de uma semana.

VAI COMEÇAR A SESSÃO ANTINAZISTA EM ARACAJU: UMA ANÁLISE SOBRE HISTÓRIA, CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MAYNARD, A. S. C.

Conclusão

Os filmes antinazistas se constituíram também, ao lado de outras fontes de informação, a exemplo dos jornais impressos e noticiários do rádio, uma maneira de se atualizar sobre a Guerra. Os jornais cinematográficos, também conhecidos como cinejornais, traziam reportagens especiais sobre a Guerra.

O conflito bélico passou a contextualizar os dramas, romances e aventuras dos filmes comerciais de ficção. E nessas produções o foco também era a atuação dos soldados estadunidenses, o que era compreensível, já que se tratava de produções hollywoodianas. Porém, com o passar dos anos, os aracajuanos passaram a questionar onde estariam os pracinhas da Força Expedicionária Brasileira (FEB), que não apareciam nos filmes exibidos nas telas dos cinemas.

Esperava-se que o DIP produzisse um material cinematográfico que mostrasse os brasileiros em ação nos campos de batalha europeu. Mas isso não aconteceu. Até 1945, os filmes exibidos em Aracaju, sobretudo os antinazistas, traziam uma leitura maniqueísta e binária da Guerra. Nas produções hollywoodianas o papel do vilão cabia ao alemão nazista e o do mocinho, ou herói, pertencia ao estadunidense. Ao mesmo tempo se passava a mensagem de que era preciso destruir os nazistas, para que eles não nos aniquilassem. Entre cinejornais, filmes de ficção e até mesmo desenhos animados, o público era bombardeado com estímulos para se opor aos nazistas.

Neste sentido, os cinemas aracajuanos eram um local destinado ao entretenimento e aos encontros que proporcionavam entre as pessoas, mas que também promoviam uma atualização sobre a Guerra, os campos de batalha, os exércitos, as armas e a motivação dos países envolvidos. Os filmes traziam informações relevantes sobre a Guerra e contavam com o didatismo das imagens para auxiliar na compreensão do tema bélico.

Os cinemas fazem parte de um ramo que busca a massificação cultural, mas há que se considerar as variáveis presentes na interação entre as pessoas e os filmes. A experiência do público nas salas de exibição em diferentes espaços e recortes temporais produz resultados que nem sempre podem ser previstos. A exibição de “Confissões de um Espião Nazista” (1939) em Aracaju inaugurou um momento em que os filmes antinazistas passaram a causar grande repercussão por tocar não apenas no tema da Guerra, mas principalmente por apresentar o inimigo do país.

Conforme mencionado anteriormente, a primeira produção desse tipo estreou em Aracaju poucos dias depois dos torpedeamentos das embarcações brasileiras no litoral sergipano. Naquele momento o nazista era uma figura pouco conhecida pela maioria da população. E as produções hollywoodianas apresentaram o inimigo do país a partir das sessões cinematográficas do Rio Branco, Rex, Guarany, São Francisco e Vitória.

As produções estadunidenses, que constituíam a maior parte da programação dos cinemas aracajuanos durante a Segunda Guerra Mundial, eram vistas diariamente. As sessões cinematográficas, que chegavam a reunir mais de mil pessoas, eventualmente eram marcadas por tumultos e pequenas confusões entre os *habitués.*, mas nem por isso se deixava de frequentá-los. Ao fim de cada filme só se poderia esperar que chegassem outros títulos, o que aconteceu de forma regular. Durante a Guerra chegou a faltar pão em Aracaju, mas não faltou filme nos cinemas. Ao menos nesses espaços era possível sonhar sem limites, como disse Orson Welles.

VAI COMEÇAR A SESSÃO ANTINAZISTA EM ARACAJU: UMA ANÁLISE SOBRE HISTÓRIA, CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MAYNARD, A. S. C.

Notas

^I Pós-doutora em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Doutora em História pela UNESP. Mestre em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Licenciada em História pela Universidade Federal de Sergipe. Professora de História do Colégio de Aplicação e do quadro permanente do Mestrado Profissional em Ensino de História da Universidade Federal de Sergipe. Integrante do Grupo de Estudos do Tempo Presente (GET/UFS/CNPq).

^{II} De acordo com Maria Lígia Prado Coelho essa prática foi marcada pela mudança nos pilares da política externa estadunidense. Levada adiante pelo presidente Roosevelt e seu subsecretário Sumner Welles consistia em respeitar a soberania nacional dos demais países presentes no continente. Cf. PRADO, Maria Lígia Coelho. Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a Guerra. In. **Revista USP**. São Paulo. Junho-Agosto, 1995. p.52 -61.

^{III} MENGUELLO, Cristina. **Poeira de estrelas**: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

^{IV} URWAND, Ben. **O pacto entre Hollywood e o nazismo**: como o cinema americano colaborou com a Alemanha de Hitler. São Paulo: Leya, 2019.

^V Georges Sadoul afirma que dentre as big eights, havia os 5 grandes, e que o grupo era composto por Paramount, MGM, FOX, Warner e RKO. Cf.: SADOUL, Georges. **O Cinema**: Sua arte, sua técnica, sua economia. Trad. Luiz e Thais L. de Vasconcelos. Casa do Estudante do Brasil: Rio de Janeiro, 1951. p. 49

^{VI} CALIL, Carlos Augusto. Cinema e Indústria. IN: XAVIER, Ismail (org). **O cinema no século**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

^{VII} CALIL, Carlos Augusto. Cinema e Indústria. IN: XAVIER, Ismail (org). **O cinema no século**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996, p. 52.

^{VIII} CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 30/07/1940, p. 2.

^{IX} MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**: Anos 40 e 50. 4 ed. Aracaju: UNIT, 2007.

^X MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**: Anos 40 e 50. 4 ed. Aracaju: UNIT, 2007. p. 142.

^{XI} MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**: Anos 40 e 50. 4 ed. Aracaju: UNIT, 2007. p. 142-143.

^{XII} SIMÕES, Inimá Ferreira. **Salas de Cinema em São Paulo**. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, São Paulo, 1990

^{XIII} O NORDESTE. Aracaju, 25/02/1939, p.1.

^{XIV} O NORDESTE. Aracaju, 26/09/1939, p. 1.

^{XV} O NORDESTE. Aracaju, 25/02/1939, p.1.

^{XVI} CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 08/07/1940, p. 2.

^{XVII} CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 06/08/1940, p. 2.

^{XVIII} De acordo com fontes oficiais. Cf.: AGRRESSÃO: Documentário dos fatos que levaram o Brasil à Guerra. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial, 1943.

^{XIX} ASSIS, Raquel Anne Lima de; MAYNARD, Dilton C. S. O fim mundo começou no mar: os ataques do submarino U-507 no litoral sergipano em 1942. In: MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. (Org.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. 1ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2013.

^{XX} ASSIS, Raquel Anne Lima de; MAYNARD, Dilton C. S. O fim mundo começou no mar: os ataques do submarino U-507 no litoral sergipano em 1942. In: MAYNARD, Andreza Santos Cruz; MAYNARD, Dilton Cândido Santos. (Org.). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. 1ed. São Cristóvão: Editora UFS, 2013, p. 24.

^{XXI} Marc Ferro afirma, ao mesmo tempo em que reclama da passividade dos estúdios europeus, que Confissões de um Espião Nazista, é o primeiro filme antinazista a ser produzido por um grande nome na indústria cinematográfica. Isso ocorreu antes mesmo da Guerra ser deflagrada e representou um movimento audacioso e contundente da Warner, pois isso representava perder um importante mercado consumidor de filmes hollywoodianos, que era a Alemanha. Cf. FERRO, Marc. **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra S. A., 1992.

^{XXII} CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 09/09/1942, p.3.

^{XXIII} A CRUZADA. Aracaju, 09/09/1942, p. 3.

^{XXIV} FOLHA DA MANHÃ. Aracaju, 11/09/1942, p.2.

^{XXV} MGM; BORZAGE, Frank. *The Mortal Storm*. [Filme – vídeo]. Produção da Metro-Goldwyn-Mayer, direção de Frank Borzage. EUA, 1940. 1 DVD, 100 min., preto e branco, son.

^{XXVI} FOLHA DA MANHÃ. Aracaju, 28/10/1942, p.4.

^{XXVII} A CRUZADA. Aracaju, 12/03/1944, p.2.

VAI COMEÇAR A SESSÃO ANTINAZISTA EM ARACAJU: UMA ANÁLISE SOBRE HISTÓRIA, CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MAYNARD, A. S. C.

^{XXVIII} CHAPLIN, Charles. *The Great Dictator*. [Filme – vídeo]. Produção e direção de Charles Chaplin. EUA, 1940. 1 DVD, 125 min., preto e branco, son.

^{XXIX} CORREIO DE ARACAJU. Aracaju, 09/12/1942, p.3.

Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de...[et.alli] **Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro (Pós 1930)**. Rev. Amp. Atual. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. v.1.

ANDRADE, Liliane Costa. **“Hollywood declara Guerra”**: análise comparada da divulgação dos filmes antinazistas norte-americanos nos jornais do Rio de Janeiro e de Aracaju (1942-1945). 181 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História Comparada, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2021.

CALIL, Carlos Augusto. Cinema e Indústria. IN: XAVIER, Ismail (org). **O cinema no século**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1 Artes de fazer. 15 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. Práticas de espaço. In: CERTEAU, Michel de; GIARD, Luce; MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano**: 2 Morar, cozinhar. 8 ed. Trad. Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FERRO, Marc. **Cinema e História**. Trad. Flávia Nascimento. São Paulo: Paz e Terra S. A., 1992.

GINZBURG. Carlo. Sinais: raízes de um paradigma indiciário. In: **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História**. Trad. Frederico Carotti. 2 reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.p.143-275.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema**: trajetória no subdesenvolvimento. São Paulo: Paz e terra, 1996.

LUCA, Tania Regina de. Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

MAYNARD, Dilton C. S.; MAYNARD, Andreza S. C. (organizadores). **Leituras da Segunda Guerra Mundial em Sergipe**. São Cristovão: Editora UFS, 2013.

MAYNARD, Andreza S. C.; BARBOSA, Caroline de Alencar; MAYNARD, Dilton C. S. (organizadores). **Segunda Guerra**: Histórias de Sergipe. Recife: EDUPE, 2016.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi**: Anos 40 e 50. 4 ed. Aracaju: UNIT, 2007.

VAI COMEÇAR A SESSÃO ANTINAZISTA EM ARACAJU: UMA ANÁLISE SOBRE
HISTÓRIA, CINEMA E SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

MAYNARD, A. S. C.

MENGUELLO, Cristina. **Poeira de estrelas**: o cinema hollywoodiano na mídia brasileira das décadas de 40 e 50. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.

MOURA, Gerson. **Tio Sam chega ao Brasil**: A penetração cultural americana. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

PRADO, Maria Ligia Coelho. Ser ou não ser um bom vizinho: América Latina e Estados Unidos durante a Guerra. In. **Revista USP**. São Paulo. Junho-Agosto, 1995. p.52 -61.

ROSENFELD, Anatol. **Cinema**: arte & indústria. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

SIMÕES, Inimá Ferreira. **Salas de Cinema em São Paulo**. Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo, Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, São Paulo, 1990.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes, os filmes na história**. Trad. Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da segunda guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

URWAND, Ben. **O pacto entre Hollywood e o nazismo**: como o cinema americano colaborou com a Alemanha de Hitler. São Paulo: Leya, 2019.

XAVIER, Ismail (org). **O cinema no século**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1996.